

O resgate da utopia

CECÍLIA LANDIM

DF - Brasília

Dizem os críticos que a utopia que regeu a concepção de Brasília fracassou. Dizem mais: que a idéia de igualdade pretendida pela arquitetura de Niemayer era inviável porque contrariava a realidade da sociedade brasileira, constituída por desigualdades profundas. Segundo os críticos, a igualdade deu lugar a um *apartheid* que divorcia ricos e pobres por meio de abismos geográficos. Nos últimos anos os abismos são transpostos pela violência dos seqüestros relâmpagos, verdadeiras medidas de força entre o centro e a periferia.

Os críticos repetem em sua intransigente retórica que Brasília é artificial. Não tem esquinas, calçadas, pontos de encontro como as outras metrópoles. Brasília não é humana, não é justa, não é dinâmica. Padece, no entanto, dos males das grandes cidades, mesmo sendo jovem. Criminalidade, trânsito a caminho do caos, sistema de saúde em crise, escola pública desarticulada.

Olhando para Brasília com o olhar de quem a adotou como canto de batalha e de repouso, com o sentimento de quem a escolheu desavisada e a razão de quem aqui permaneceu sem conseguir ir nunca mais embora, vemos outras coisas como decorrências da mesma utópica intenção dos inventores da cidade. Na verdade, ninguém escolhe viver e permanecer em Brasília. Um dia a gente tem de vir porque circunstâncias se impuseram. E, um dia, a gente percebe que escolheu ficar e que não tem mais vontade de sair daqui. Dizia um cronista na TV outro dia, referindo-se a uma das acusações mais incisivas à nossa capital: "E afinal para que servem as esquinas?"

Do projeto inicial de uma arquitetura que pressupunha a igualdade e pretendia influenciar comportamentos, restou uma cidade tombada pela Unesco como Patrimônio da Humanidade. Já não é mais nossa, é do mundo. Visitada por arquitetos de todas as culturas, é referência de concepção de urbanidade, privilegiando grandes espaços abertos intercalados com os prédios, numa mensagem de liberdade. A expansão para a periferia deu-se passo a passo. Muitos falam mal, mas os assentamentos viraram cidades e continuam virando. Têm saneamento básico, equipamentos de saúde, educação, lazer. Têm falhas, faltas, problemas. Como Paris, Berlim, Moscou, Tóquio e até a pequena Berna, capital da Suíça, com seu charme maculado por moradores de rua estendidos nas escadas, não por miséria, mas por doença psíquica que se tornou social.

Longe de mim fugir dos fatos, negar os defeitos. Mas por que não, também, reconhecer as qualidades? Por que não encarar a nossa cidade na sua mensagem positiva, no seu potencial construtivo. A grandeza de seus monumentos despojados de luxo é coerente com os altos índices de desenvolvimento humano, com o elevado senso crítico da nossa classe média, com o padrão de qualidade de vida que, apesar de não ser o ideal, ainda é referência.

Construíram-se entrequadras fora da regra estabelecida? De fato, e isso ocorreu porque há uma referência de regra, há a lei e a cultura de que os espaços devem ser preservados para a salubridade da interação entre os moradores. Estamos assustados com a criminalidade? Sim. Porque ainda há lugares por aqui onde um carro dorme aberto no estacionamento da rua e nada acontece de ruim... Estamos chocados com o estado da Rodoviária? Ainda bem, sinal de que ela continua sendo o símbolo do encontro entre os brasilienses que convergem para lá de todo o lado.

Valeu a pena sonhar com a cidade igualitária, livre e verde. Continua valendo. Nesta semana de aniversário de Brasília, nosso pensamento uniu-se em torno das preocupações com a preservação e com a expansão das qualidades que marcaram o seu nascimento. Temos um plano para seguir. Um plano que evolui, que tentamos adaptar aos novos tempos com responsabilidade. Cometemos erros, equívocos. Há os que respeitam Brasília e os que a detestam. Há os que expressam esse detestar com vandalismos teóricos e práticos.

Porém, há sobretudo os que amam a cidade que, sem esquinas, tem promovido fantásticos eventos e encontros. Os que nasceram e os que renasceram nesta paisagem de névoa seca que se mistura à nossa roupa em cor de barro. Das árvores de verde triste, tão vigoroso para os nossos olhos livres da poluição que aqui não há. Dos catadores com suas carroças bucólicas, trazendo às nossas janelas sons do século 19. Das cigarras que anunciam estridentes a chuva que está próxima. Brasília que nos lembra, por ter nascido de uma utopia, que é partindo das utopias que se moldam realidades mais justas. Não existe fracasso. Existe uma renovação constante do amor que se deve ter pelas cidades, nossos ninhos contemporâneos.

CECÍLIA LANDIM é secretária de Gestão Administrativa do governo do Distrito Federal.